

CONTRIBUIÇÃO PARA UMA METODOLOGIA DE PESQUISA EM ARTES I

Prof. Dr. Adilson Siqueira

1. - Apresentação

O presente texto se propõe a apresentar um resumo e alguns comentários da bibliografia básica sobre método e metodologia de modo a auxiliar àqueles que estão se propondo a seguir uma carreira de pesquisadores. Trata-se de informações básicas que sugiro sejam necessariamente complementadas pela leitura dos muitos pesquisadores que já se debruçaram sobre o tema, os quais certamente abordam o assunto de maneira mais aprofundada e menos esquemática do que este manuscrito. Sobretudo, é preciso dizer que se trata de um texto que possui duas partes, a primeira, esta que o leitor tem em mãos, discorre sobre as origens e os procedimentos metodológicos para a realização de uma pesquisa e tem por objetivo orientar o leitor sobre conceitos e termos básicos da pesquisa acadêmico-científica. Segue-se a ele outros dois textos, um primeiro no qual faço uma compilação das normas básicas para a elaboração de trabalhos escolares e a citação de fontes, elaborado a partir de material organizado pelas Faculdades Integradas Rui Barbosa e um segundo no qual faço a proposição do que considero ser um método apropriado para a pesquisa em artes. A leitura dos três textos são complementares de modo que é altamente indicada

2. - MÉTODO: Das origens aos usos contemporâneos

Existe muita confusão entre método e metodologia. Para uns método é estatística elementar, para outros, se confunde com técnica de pesquisa e com epistemologia. Toda essa confusão se deve à natureza dicotômica do método e, para se refletir sobre essa duplicidade, é preciso voltar o olhar para as origens de ambos os termos. Antes porém, devemos ter claro que falar em método implica em estarmos de acordo de que se está falando sobre a ciência, a qual definimos aqui como o conhecimento rigoroso e racional de qualquer assunto, como o corpo

de conhecimentos sobre um determinado tema, obtido mediante um método próprio e que caracteriza o domínio organizado do saber organizado com base em relações objetivas verificáveis e dotados de valor universal..

A palavra método vem do latim *methòdus* ou *methodos* que por sua vez procede do grego. *méthodos*, ou “pesquisa, busca e, por extensão: estudo metódico de um tema da ciência (de acordo com Platão) ou, tratado metódico, obra de ciência (conforme Aristóteles)”¹. É formada pelos radicais *metá* “atrás, em seguida, através” e *hodós* “caminho”. Já a palavra portuguesa metodologia procede da palavra francesa *méthodologie* que é formada pela palavra método, conforme acima referida, mais o pospositivo *-logia*, (composto do radical *-logo* mais o sufixo *-ia*) e é indicativo de “ciência, arte, tratado, exposição cabal, tratamento sistemático de um tema”. Portanto, método se refere a um caminho através do qual se realiza uma pesquisa, uma busca, um estudo metódico ou um tratado, ao passo que a Metodologia é uma palavra sua derivada que refere-se ao tratamento sistemático que se dá a um tema, o que nos permite dizer de maneira simplificada que método é um caminho para se chegar a um fim e que metodologia é o estudo desse caminho mas, como se pode perceber, a própria acepção de metodologia está contida no método e é justamente por isso que não podemos nos furtar, mesmo com a simplificação feita acima, de lidar com e/ou pensar na dimensão dicotômica do método.

De acordo com CLAUDIO DE MOURA CASTRO (1977) o método deve ser considerado como uma dupla dimensão que interage e se complementa. A primeira, chamada dimensão positiva (p. 34), refere-se ao conjunto de regras e técnicas sobre como proceder no curso de uma investigação (a metodologia propriamente dita) e, a segunda, chamada dimensão negativa (Ibid), se refere ao conjunto de elementos que nos dizem sobre o que não devemos e sobre o que devemos fazer para não nos desviarmos do método propriamente dito. Ou seja: não há como se falar em método sem se falar em metodologia ou, se considerar método separado de metodologia e vice-versa. Ambas concorrem para sustentar e

¹ Cf. HOUAISS e VILLAR, 2001.

suportar o método: uma indicando os procedimentos utilizados na investigação, a outra fornecendo as armas que protegem a ciência do erro da precipitação.

A dimensão positiva do método diz respeito à metodologia, que como muito bem definiu GERALDO INÁCIO FILHO, (1995–p.71), refere-se ao como fazer, aos procedimentos, às técnicas que o pesquisador utilizará para realizar a sua análise e investigação (p.71). Já a dimensão negativa refere-se ao tipo de abordagem, à trajetória teórica da pesquisa, à sua fundamentação teórica (ibid) de modo a não permitir que façamos o que não podemos fazer e deixemos de fazer o que somos obrigados a fazer para afirmar que nossa pesquisa pertence a esse ou àquele método. É à dimensão negativa do método que devemos os elementos que podem ser utilizados como mecanismos de proteção ao erro e à precipitação por parte do pesquisador, e o positivismo foi a corrente do pensamento que ofereceu os principais elementos de comprovação para que uma determinada afirmação pudesse ser admitida como científica.

Trata-se do método experimental ou científico, que conforme explica ANTONIO CHIZZOTTI (1991), consiste em submeter um fato à experimentação de tal modo controlada, que se pode apreciá-lo coerentemente, com critérios de rigor que permitem mensurar a constância de suas incidências e exceções de maneira que os conhecimentos adquiridos deste controle, legitimados pela experimentação e comprovados pela mensuração podem ser assim, considerados científicos. Por exemplo, depois de se constatar diversas vezes, através da experiência (da constatação de um fato particular, portanto), que a água ferve a 100 graus centígrados no nível do mar, etc. indutivamente concluir-se-ia (em razão da regularidade dos fatos) que sempre, nas mesmas condições, a água ferveria a 100 graus centígrados (e este seria um conceito universal expresso pela linguagem-teoria). Ou seja, os enunciados da ciência teriam o seu fundamento último nos fatos, no dado da experiência.

Essa concepção foi ampliada por volta de 1920 pelo Circulo de Viena (*Wiener Kreis*)², passando a ser conhecido como Empirismo Lógico, Positivismo Lógico ou ainda Neopositivismo. A acepção fundamental do Empirismo Lógico, de acordo com MAURO LÚCIO LEITÃO CONDÉ é o *principio da verificabilidade*, o que significa que para eles:

verificar é tomar um enunciado significativo e reduzi-lo a um conjunto de dados empíricos imediatos a fim de verificar se esses ocorrem, ou não, na realidade. A sua ocorrência confere veracidade ao enunciado, e a sua não ocorrência, falsidade.

Com isso, o Empirismo Lógico questionou as teses da filosofia tradicional (leia-se metafísica), “criticando-as severamente à medida que constatava nelas diversos enunciados sem ocorrência na realidade, ou seja, sem correspondência na dimensão empírica” (Ibid) e com isso, o conjunto proposições, técnicas e instrumentos tornou-se o padrão daquilo que convencionou-se denominar simplesmente de “método científico” no qual somente as proposições tautológicas e as factuais pertenciam ao discurso científico, não havendo possibilidade fora delas. Todo o resto seria metafísica e o objetivo primeiro da ciência seria livrar-se da metafísica.

Contudo, essa concepção também é problemática posto que o primado da razão e da lógica no que se refere à maneira de conhecer o mundo pode consistir de mera especulação. A principal crítica aos Neopositivistas foi feita entre outros, por KARL POPPER (1980) que escreveu:

... de um ponto de vista lógico, está longe de ser óbvio que estejamos justificados ao inferir enunciados universais a partir dos singulares, por mais elevado que seja o número destes últimos, pois qualquer conclusão obtida desta maneira pode sempre acabar sendo falsa: não importa quantas instâncias de cisnes brancos possamos ter observado, isto não justifica a conclusão de que todos os cisnes são brancos (p.263)

² Formado inicialmente por Otto Neurath, Hans Hahn e Richard von Mises e a partir de 1922 o grupo passará a contar com o filósofo alemão Moritz Schlick. Em 1924, Olga Neurath Hahn, F. Kaufmann, V. Kraft, K. Reidenmeister entram para o grupo e em 1926 junta-se a eles aquele que viria a ser uma de suas principais figuras, isto é, Rudolf Carnap

Isso porque não há observação do mundo real que nos prove que a metafísica seja indesejável, pelo simples fato de que, “se tudo que não pode ser verificado pelo teste da realidade, pelo confronto com os fatos, não pode ser aceito, parece então fracassar a primeira proposição dos neopositivistas que afirma a necessidade de banir a metafísica” (Castro, 1977-p.41). Ora, para banir a metafísica seria necessário admiti-la o que criava uma contradição na base do seu pensamento e, especialmente a partir de THOMAS KHUN (1994), o método científico passará a conceder que, nas palavras de Conde, “de um modo não totalmente racional, tendo seu ‘desenvolvimento’ uma influência de múltiplos fatores, sociais, econômicos, religiosos, ideológicos, etc.”

Com isso, ao abandonar a caça às bruxas (a metafísica) e aceitar a possibilidade de um enunciado que não fosse factual, o método científico passa, então, a se empenhar para não deixar os diferentes enunciados, as diferentes proposições se contaminarem, e a considerar que o importante não é banir, mas identificar a que categorias pertencem os enunciados e proposições encontrados num determinado discurso científico

3. - Metodologia: as bases das ciências humanas e sociais a serviço das artes

É neste ponto que convém nos ocuparmos da metodologia. Como se viu, Método é o caminho para chegar a um fim. (objetivo), um modo ordenado de proceder ou ainda, conjunto de procedimentos técnicos e científicos que na concepção contemporânea requer a identificação das categorias às quais pertencem os enunciados a que se chegam quando se envereda por ele. Com base nisso e retomando a dimensão dicotômica que lhe é inerente, pode-se afirmar que metodologia é o estudo do método, ou seja, o estudo das concepções e proposições epistemológicas que lhe são inerentes como, por exemplo, a metodologia científica jurídica, na qual se estuda o universo do direito para a elaboração de um trabalho científico nesta área, de modo que os enunciados ali produzidos não incidam no erro da precipitação e sejam organizados numa sistemática tal que possa ser verificado por seus pares. Foi com base nesse princípio que surgiu, eis mais um exemplo, a metodologia de pesquisa em ciências

sociais e é neste contexto que o presente texto se insere: no de se desenvolver os princípios de uma metodologia de pesquisa em artes.

Retomando o tópico anterior - quando se falou em abandono da caça às bruxas, em esforço para não deixar que os diferentes enunciados e proposições se contaminem e em considerar que o importante não é banir, mas identificar a quais categorias pertencem os enunciados e proposições encontrados num determinado discurso científico – temos que, com base nesses pressupostos, pode-se dizer que na organização e realização de uma pesquisa, do ponto de vista metodológico, o método científico contemporâneo usa o modelo experimental e suas análises, fundamentos e concepção de realidade como padrão para se encaminhar a análise de um fenômeno delimitado, a respeito do qual se formula uma hipótese, estabelece-se os métodos de verificação, submete-se à experimentação em condições de controle com o objetivo de se obter leis, fazer generalizações e elaborar teorias que expliquem o fenômeno observado.

Esse modelo tem muitas variações, mas, em geral, pode ser condensado na seguinte estrutura:

1. hipótese de explicação de um fato observado.
2. Verificação da hipótese através de experimentação: Coleta e análise dos dados.
3. Explicação das leis que regem o fenômeno e dedução para outros fenômenos aos quais as mesmas leis possam ser aplicadas.

Até a década de 70, esse modelo fez com que as pesquisas quantitativas dominassem as investigações em ciências humanas e sociais. Esse padrão, que já havia sido contestado no passado por Hume, Kant, Hegel e Bergson, foi definitivamente contestado nos anos 70 por Campbell, Ronald Fischer, Crombach, Stake e Habermas devido à determinação destes em sistematizar um modelo qualitativo que apreendesse as condições histórico-filosóficas, fenomenológicas, ambientais que possibilitasse uma avaliação na qual os participantes atuassem levantando questões ou recebendo informações sobre o conteúdo e a forma do programa, no qual a avaliação é “respondente” (sic).

Apesar das diferenças advindas do questionamento realizado pelos intelectuais e pesquisadores acima mencionados - atualmente, existem autores que defendem que pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa devem interagir sinergicamente, complementando-se mutuamente ao passo que outros não vêem nenhuma possibilidade de contato entre as duas partes - do ponto de vista da metodologia, à qual Inácio Filho chama de *método de procedimento*, os elementos esquemáticos que compreendem a elaboração de um projeto de pesquisa, especialmente nas ciências humanas e nas artes (que à falta de uma metodologia específica empresta para suas pesquisas as metodologias ainda utilizadas pela primeira) são basicamente os seguintes:

1. Delimitação do universo da pesquisa

Refere-se ao todo que será abrangido pela pesquisa

2. Determinação e seleção da amostra

Refere-se à parte específica do todo que a pesquisa abordará.

3. Levantamento bibliográfico

Consiste em dizer se existe material (fontes primárias ou secundárias, bibliográficas, anotações pessoais, entrevistas) sobre o assunto da pesquisa. Deve-se esclarecer como esse material será utilizado

4. Tratamento com a bibliografia

Dizer como os textos bibliográficos serão analisados.

5. Cronograma

Serve para prever quando cada fase da pesquisa se dará.

6. Previsão de recursos humanos

Mencionar nomes e funções dos participantes da pesquisa

7. Previsão de recursos materiais

É o levantamento de custos da pesquisa. É recomendável prever-se os custos do material de consumo e de uso permanente e a contrapartida que está sendo oferecido.

8. Bibliografia

Relacionar a bibliografia que encontrou sobre o assunto, mesmo que ainda não tenha sido lida e fichada, etc.

Os Principais Tipos De Pesquisa (Em Uso Nas Artes)

Como vimos os tipos de pesquisa são decorrências da inter-relação bidimensional entre método e metodologia; que levaram ao desenvolvimento de um modelo inicialmente experimental e a seguir ao desenvolvimento de um modelo qualitativo.

Pesquisa Experimental ou Científica³

A experimentação é científica porque os conhecimentos dela resultantes foram comprovados por padrões mensuráveis ou seja, os fatos e acontecimentos são obtidos a partir de normas constantes e podem, por essa razão, ser observados de modo sistemático.

É preciso frisar que pesquisa experimental não é pesquisa empírica. Esta última se funda na observação e no estudo de fatos particulares, cujos resultados obtidos podem, então, ser generalizados.

Tipos de pesquisa experimental:

Obviamente, estes tipos não são totalmente puros. Podem aparecer muitas vezes interligados.

- **Teórica ou fundamental:** verifica uma teoria sem se preocupar com a aplicação imediata dos seus conhecimentos
- **Aplicada:** aplica na prática os conhecimentos produzidos ou verificados.
- **Descritiva:** Descreve os fatos
- **Análítica:** analisa dados e tira conclusões
- **Quantitativa;** utiliza-se de medidas e cálculos mensuráveis
- **Qualitativa:** ressalta os significados por trás dos atos e práticas.
- **Nomotéticas:** Visa criar leis sobre a regularidade e a recorrência dos fatos
- **Clínica:** visa um diagnóstico com o objetivo de uma terapêutica saneadora

Pesquisa Qualitativa⁴

O determinismo mecanicista de Laplace e Newton e o espírito do positivismo levaram a acreditar que havia uma estrutura permanente e invariável

³ Cf : CHIZZOTTI, Antonio. Op. Cit pp.77-85

⁴ Ibid

das leis naturais do universo e que, ao se conhecer os impulsos e as posições dos corpos e partículas, se poderia, pelo cálculo, estabelecer conceitos infalíveis e extrair leis mecânicas da evolução anterior e futura. Com o desenvolvimento da física atômica, da teoria da relatividade, da termodinâmica e da cosmologia constatou-se que os fenômenos são imprevisíveis e de grande complexidade e que os eventos naturais têm um caráter mutável, instável e fluente. Juntamente com a matemática moderna, em particular a teoria dos conjuntos e a geometria não-euclidiana, puseram em cheque as certezas do cientificismo e questionaram a tal infalibilidade das ciências e demonstraram o quanto é inviável se fazer previsões absolutas, recuperando com isso, a validade da interpretação dos fenômenos

No caso das ciências humanas e sociais, aquelas pesquisas que enfatizavam a busca da estabilidade constante dos fenômenos, a estrutura fixa das relações e a ordem permanente dos vínculos sociais, foram questionadas por outras que mostravam a complexidade, as contradições de fenômenos singulares, a imprevisibilidade e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais. Tais pesquisas, partindo de fatos simples e singulares, valorizaram as características qualitativas dos fenômenos de modo a mostrar a complexidade da vida humana, trazendo à tona, aspectos antes ignorados da vida social.

Partilhar da abordagem qualitativa numa pesquisa pressupõe a não aceitação de um padrão único, conduzido pelo paradigma⁵ das ciências da natureza de que se deve legitimar o conhecimento através de processos quantificáveis, tornados leis e explicações gerais através do uso de técnicas de mensuração. Significa acreditar que as ciências humanas tem suas especificidades, uma vez que se dedica ao estudo do comportamento humano e social, e necessita portanto, de uma metodologia própria, com um modelo que seja diferente do experimental.

⁵ No presente texto, paradigma será usado de acordo com a definição de Thomas Khun; ou seja, como sendo proposições suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários que se afastam de outras formas proposições que não lhe sejam relacionadas, ao mesmo tempo que são suficientemente abertas para deixar que todo tipo de problema possa ser resolvido por seus seguidores. (KUHN, 1994. p.30)

No lugar do método experimental usa-se o *método clínico*; que consiste da descrição do homem em um dado momento, em uma dada cultura e o *método histórico-antropológico*; os quais permitem captar os aspectos físicos dos dados e acontecimentos, no momento em que eles ocorrem.

Entretanto, a principal diferença entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa é o modo como esta última legitima e apreende os conhecimentos. A abordagem qualitativa parte do princípio de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma dependência mútua entre o sujeito e o objeto, um elo indissolúvel entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito: o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, dando-lhes um significado ao passo que o objeto não é inerte e neutro; está influenciado pelo significado que o sujeito cria a seu respeito e se relaciona com ele.

Na base da pesquisa qualitativa estão a *fenomenologia*, que considera que é preciso ir além das manifestações imediatas para captar o verdadeiro sentido da impressão imediata de um fenômeno; o *interacionismo*, que investiga o sentido que os atores sociais dão aos objetos, pessoas e símbolos; com os quais constroem o seu mundo social e a maneira de se relacionar com este mundo, com os objetos, símbolos e pessoas com as quais se relaciona; a *etnometodologia*, que procura estudar as atividades práticas e triviais dos atores sociais e dessa maneira, compreender o sentido que estes atribuem aos fatos e acontecimentos do dia-a-dia e, a *dialética* insiste na relação dinâmica entre sujeito e objeto, valoriza a contradição dinâmica do fator observado e a atividade criadora do observador.

A pesquisa qualitativa tem alguns aspectos que lhe são característicos:

- O problema surge, principalmente, em função de um processo indutivo que vai se definindo e se delimitando a partir do contexto social e ecológico onde se realiza a pesquisa.
- A delimitação do problema não é resultado de uma afirmação individual e previamente formulada pelo pesquisador, para a qual ele recolhe dados que a comprovem. Pelo contrário: pressupõe a imersão do

pesquisador na vida e no contexto, no passado e nas circunstâncias que condicionam o problema e a convivência prática com as experiências e percepções que as pessoas têm dele de modo a descobrir fenômenos que estão além das aparências imediatas. É feita, portanto, num campo no qual a questão inicial é colocada explicitamente, revista e reorientada em função do contexto e das informações proporcionadas pelas demais pessoas envolvidas com o problema.

- O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele precisa livrar-se de preconceitos, predisposições e assumir uma atitude aberta às manifestações que observa, sem antecipar explicações nem se deixar levar pelas aparências imediatas. Precisa ter claro que o conhecimento é uma obra coletiva, que todos os envolvidos na pesquisa podem identificar seus problemas e necessidades e encontrar alternativas e propor estratégias de ação.

Segundo esses princípios, temos dois tipos de pesquisador: aquele que faz um *pesquisa implicada* na qual o pesquisador experiencia o espaço, o tempo vivido pelos investigados e partilha da experiência deles para reconstituir adequadamente o sentido que eles dão a esta experiência. Já o pesquisador que faz uma *pesquisa militante* procura se identificar organicamente com a vida e os interesses dos sujeitos pesquisados com o objetivo de formá-los para a ação e para a atuação política em defesa dos seus interesses .

- Todos os participantes da pesquisa são considerados como sujeitos capazes de elaborar conhecimentos e produzir práticas apropriadas para intervir nos problemas que identificam ou seja, identificam os problemas, analisam-nos , discriminam as prioridades e propõe soluções de modo a possibilitar a criação de uma relação dinâmica entre pesquisador e pesquisado que deve se manter durante toda a pesquisa, até seu resultado final.
- Os dados, são tratados como fenômenos que não estão restritos às percepções sensíveis e aparentes. Ao contrário, se manifestam através

de uma complexidade de oposições, de revelações e ocultamentos. Todos os fenômenos são importantes e preciosos, sejam a constância com que se manifestam, sua ocasionalidade, frequência e interrupção, fala ou silêncio. Todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo.

- As principais técnicas utilizadas compreendem; observação participante, biografia, análise de conteúdo, entrevista não diretiva. Tais técnicas criam um “ corpus” que segundo Habermas se baseiam na racionalidade comunicacional.

A Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa

O objetivo da pesquisa qualitativa é levar ao esclarecimento de uma situação com o objetivo de uma tomada de consciência por parte dos pesquisados a respeito dos seus problemas, e das condições que os geram de modo a criar estratégias para solucioná-los.

Os dados são colhidos interativamente e compreendem uma *Situação a Esclarecer*, uma *Consciência a ser obtida* e um *Meio e uma estratégia para resolver*

As técnicas básicas são:

- *Observação participante* refere-se àquela obtida através da realização de trabalho prático que permita o contato direto do pesquisador com o pesquisado no momento em que este esteja produzindo o fenômeno que se quer observar e analisar
- *Entrevista não diretiva* diz respeito a uma forma de colher informações baseadas no discurso livre do entrevistado.
- *História de vida* é um instrumento que privilegia a coleta de informações que dizem respeito à vida pessoal de um ou mais informantes. Pode ser autobiográfica, psicobiográfica
- *Análise de conteúdo* refere-se à coleta de dados presentes num documento, seja ele escrito, oral, gestual ou visual.. O objetivo é compreender criticamente o sentido das comunicações, sejam eles manifestos ou latentes, explícitos ou ocultos.

- *Pesquisa-ação* propõe uma ação deliberada objetivando uma mudança na realidade que seja comprometida com um campo restrito, que faça parte de um projeto mais geral e que se submete a uma disciplina para alcançar Os efeitos do conhecimento
- *Estudo de caso*, serve para designar pesquisas que coletam e registram dados a respeito de um caso particular ou de vários casos, com a intenção de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, avaliá-la analiticamente visando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora. Tal relatório pode ser representado de modo a apresentar múltiplos aspectos que envolvem um problema, situá-lo num contexto e indicar as possibilidades de ação para modificá-lo.

As premissas da pesquisa qualitativa seguem as seguintes proposições:

- O conhecimento leva a uma ação, e a pesquisa pode se constituir numa oportunidade para formar os pesquisados para que transformem os problemas que enfrentam.
- Os pesquisados devem possuir a capacidade potencial de identificar suas necessidades, formular seus problemas e organizar sua ação;
- A eficiência desse processo depende da participação ativa dos pesquisados na descoberta de suas necessidades e também da organização dos meios que o auxiliem a modificar o que é considerado insatisfatório.
- É sempre positivo estabelecer-se etapas de trabalho, o que facilita descobrir quais são as questões prioritárias e quais são as ações mais eficiente para transformar a realidade. Antes de mais nada ee importante definir se a pesquisa é *descritiva*: que se limita a revelar um problema; *avaliativa*; que descreve o problema e trabalha os procedimentos necessários para transformar ou se é *Interventiva*; que objetiva organizar uma mudança intencional nas situações indesejadas.

As fases:

1ª fase: Determinação da pesquisa.

2ª fase: Definição da pesquisa

3ª fase: Estratégia de ação.

4. – Elementos para Elaboração do Trabalho Científico ⁶

Em linhas gerais, para se planejar uma pesquisa, deve-se levar em consideração, além do Método; da Metodologia e do Tipo de pesquisa, os seguintes elementos

- Fontes de Informação

A Pesquisa sobre um determinado problema depende das fontes de informação as quais podem provir de observações, de reflexões pessoais, de pessoas que adquiriram informação pelo estudo ou que participaram de um determinado evento, do acervo de bibliotecas, centros de documentação ou de qualquer registro que contenha dados.

- Observação

A observação é o núcleo primeiro nas pesquisas que buscam conclusões a partir da experimentação. Pode ser metódica e estruturada e precisa de técnicas de controle e classificação do fatos, o que leva à construção de grades de comportamentos observáveis.

Atualmente, tem crescido o uso da observação participante, na qual o observador se encontra envolvido no processo da observação e elabora as evidencias que são observadas, interagindo, com o objeto.

- Justificativa e Problema

É onde se expõe a razão de ser da pesquisa. O mais importante numa pesquisa é a existência de um problema. Então, deve-se esclarecer quem vai avaliar o projeto a respeito:

1. da história do problema (como surgiu? como foi percebido?),
2. do contexto e da área em que o problema se insere (como andam as pesquisas, os debates e as diversas opiniões a seu respeito)

Para tanto, o problema deve ser

Enunciado

⁶ Cf. INÁCIO FILHO, Op. Cit. P. 49-77

(Ex. A partir de estudos... percebi que existe diferença e/ou semelhança entre tal e tal coisa)

Delimitado

Que consiste basicamente em situar temporal e geograficamente o problema.

- Hipótese

A hipótese direciona o problema que se pretende pesquisar. Trata-se da idéia geral que se pretende demonstrar e que, tendo sido demonstrada, torna-se uma tese. Entretanto, ela não precisa ser, necessariamente, a solução do problema pois do contrário não haveria pesquisadores e sim adivinhos. É preferível uma hipótese a vária uma vez que a hipótese mostra a capacidade de síntese do pesquisador.

- Resultados esperados

São as metas a serem atingidas no tocante à realidade concreta após os objetivos terem sido alcançados. Representam a possibilidade de intervenção na realidade problemática, com o objetivo de modificá-la. Para saber quais são, pergunta-se: Que benefícios sociais pode trazer a realização desta pesquisa. Em que medida a solução desse problema permitirá uma intervenção na realidade concreta? De que maneira isto pode contribuir para a erradicação do problema real?

- Objetivos:

Referem-se ao aspecto acadêmico da pesquisa. São considerados em relação ao problema (**Objetivos Intrínsecos**: Ex. Este trabalho pretende demonstrar ... Para sua concretização, pretendo evidenciar... assim como...) e em relação à instituição que pede a investigação (**Objetivos Extrínsecos** ou institucionais: Ex. Este trabalho foi realizado para a obtenção do título de mestre...).

Constituem-se no ponto de chegada no que se refere ao teste da hipótese.

São também chamados de **Objetivos Gerais** (que se relacionam com a obra. Equivalem aos intrínsecos) ou **Objetivos Específicos** (referem-se às subunidades ou capítulos).

- Fundamentação teórica:

Consiste em apresentar os conceitos fundamentais, as categorias e os pressupostos teóricos – enfim, os paradigmas - que serão utilizados na análise que se pretende realizar.

Conceito é todo processo que possibilita a descrição, a classificação e a previsão dos objetos de conhecimento.

Categorias são as leis fundamentais do pensamento. É definida pelo objeto (Ex. Trabalho é uma categoria econômica) ou pelo enfoque (Ex. A estrutura é central no estruturalismo).

Pressupostos são afirmações *a priori* que se faz que ou não têm necessidade de demonstração ou que ainda não são possíveis serem demonstradas

5. - Bibliografia

CASTRO, Claudio de Moura. **A Prática da Pesquisa**. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil, 1977

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CONDE, MAURO LÚCIO LEITÃO. **O Círculo de Viena e o Empirismo Lógico** in http://www.fafich.ufmg.br/~scientia/art_mauro2.htm#5

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A Monografia na Universidade**. Campinas: Papyrus, 1995.

KAPLAN, Abraham. **A Conduta da Pesquisa**. São Paulo: USP, 1969

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1994

LAKATOS, Eva Maria . MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____ **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

POPPER, Karl. **Lógica da Investigação Científica**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.